

Polícia não atende 14 mil ocorrências

Deise Leobet

Da equipe do **Correio**

Foram 200 horas marcadas por quatro rebeliões de presos em delegacias e presídios, 14 mil pequenas ocorrências não atendidas, quatro mil carteiras de identidade não emitidas, além de alguns bate-bocas entre policiais e vítimas. Esse foi o saldo da greve de nove dias da Polícia Civil, que terminou no final da tarde de quinta-feira.

Os policiais voltaram aos seus postos, satisfeitos com a promessa do governo de cumprir os oito itens da pauta de reivindicações da categoria. "Foi sucesso absoluto", comemorou o presidente do Sindicato dos Policiais Cíveis, Hugo de Souza Silva.

Mas não para a população. Apesar dos policiais terem cumprido a lei de greve, mantendo 30% do efetivo para o atendimento de emergências, as vítimas de pequenos crimes e acidentes de trânsito foram as que mais sofreram as consequências da paralisação. Com a greve, os plantões das delegacias do Distrito Federal registraram cerca de 400 ocorrência por dia, sendo que em dias normais são feitos 2 mil atendimentos.

O efeito pôde ser sentido durante todo o dia de ontem, com a maior parte das delegacias lotadas. O balcão de atendimento da 2ª Delegacia de Polícia, na Asa Norte, ficou pequeno para o aumento de 100% no movimento. Até as 11 horas, cerca de 35 pessoas haviam sido atendidas pelos agentes, quando a média é de 40 a 45 por dia.

A digitadora do Ministério dos Transportes Sandra Correa Santana, 21 anos, foi uma das vítimas de roubo que usou o horário de almoço para, depois de quase uma semana, conseguir registrar queixa. Na sexta-feira retrasada, num momento de distração da digitadora, alguém retirou o talão de cheques da bolsa que estava sobre a mesa da sala dela no ministério. Minutos mais tarde, o ladrão já estava no banco, onde sacou R\$ 50,00.

"Ele foi tão rápido que nem deu tempo de eu ir até a agência sustar as 15 folhas de cheque", disse a digitadora, que foi até a delegacia, acompanhada do namorado Tiago Ramos Martins, 18 anos. "Preciso do registro porque assim que o banco começar a devolver os cheques, tenho certeza que o telefone não vai parar de tocar".

Até a manhã de ontem, o Banco de Brasília já havia descontado oito cheques roubados, totalizando um

prejuízo de mais de R\$ 400,00. O gerente prometeu sustar todos os cheques. Ao lado da digitadora, outra funcionária pública registrava queixa por roubo. A coordenadora de Finanças do Ministério do Planejamento, Zenaide Rodrigues, 41 anos, teve todos os documentos, cartões de créditos e dois talões de cheques roubados na última segunda-feira.

Ela suspeita que o roubo aconteceu por volta das 16h40, quando deixou sua sala e foi a uma reunião de chefia. Antes de sair, teve o cuidado de guardar a bolsa no armário e trancá-lo à chave. Ao retornar, viu um papel, que estava dentro da sua bolsa, no chão. Abriu o armário e logo percebeu que alguém havia mexido na bolsa. "Ainda bem que só tinha R\$ 5,00 dentro da carteira", disse a funcionária pública. "Bem feito para o ladrão. Deve ter passado raiva".

Mas muita gente não quis esperar pelo fim da greve e acabou recorrendo à Polícia Militar. Mesmo que informalmente, batalhões da PM foram transformados em delegacias e praças podiam ser vistos fazendo serviço de agentes. A PM chegou a fornecer cópia dos registros de ocorrência para que as pessoas pudessem sustar cheques roubados e conseguir a liberação do seguro, nos casos de acidente de trânsito.

Ontem, o Centro de Operações da PM começou a enviar os formulários às delegacias da Polícia Civil. O mecânico Humberto Magalhães, 59 anos, não sabia que poderia ter solicitado cópia do registro à PM. Passou uma semana irritado com uma motorista que amassou completamente a lateral do passageiro do seu Monza cinza, ano 89, no último dia 20.

Sem o registro da ocorrência, Magalhães teve que esperar até ontem à tarde para conseguir entrar com uma ação no Tribunal de Pequenas Causas para reaver o dinheiro. Ao contrário das delegacias, nos 13 postos de identificação o movimento ficou abaixo da média. Durante a greve, foram emitidas 2 mil carteiras de identidades, quando a média é de 800 por dia. No posto da Galeria do Trabalhador, no Plano Piloto, foram distribuídas apenas 95 senhas, quando a média é de 130.

Para o delegado-geral da Polícia Civil, Teodoro Rodrigues, a greve foi benéfica para a categoria, que conseguiu fazer valer seus direitos, mas ruim para a imagem da corporação. "Detesto greve. Só aturo", disse o delegado.

Joédison Alves



Sandra Sant'ana, com o namorado Tiago Martins, esteve na delegacia para registrar a ocorrência de um cheque roubado

MEMÓRIA

O DIA-A-DIA DA GREVE DOS POLICIAIS CIVIS

17.03

12h - Início da greve - 3,9 mil policiais civis paralisam as atividades. Apenas 30% ficam nos plantões.

18.03

3h50 - Agentes da 23ª DP (Ceilândia) tiveram trabalho para conter um princípio de rebelião dos 78 presos, espremidos em cinco celas.

19.03

10h - 55 presos da 26ª Delegacia de

Polícia, em Samambaia, se rebelaram. A greve da polícia civil é um túnel que estava sendo escavado no pavimento deixaram o esquema de segurança da delegacia fragilizado.

21.03

11h - Os 1043 presos da Papuda se revoltam com o cancelamento das visitas e dão início a um tumulto e pegam como refém um agente penitenciário. Vinte e sete pessoas ficam feridas.

24.03

13h - Presos das alas 2 e 4 da Coordenadoria de Polícia Especializada fazem um badernaço para protestar contra o cancelamento das visitas. Soldados da Patama, Polícia Militar e Corpo de Bombeiros são acionados para conter o tumulto.

26.03

18h - Policiais fazem assembleia e decidem pelo fim da greve.